

# Formação Mediúnica III

## PSICOFONIA CONSCIENTE

### 1. LIVRO

Nos Domínios da Mediunidade – Cap. VI.

### 2. LOCAL

No Centro Espírita dirigido por Raul Silva.

### 3. SERVIÇO

Atendimento a um necessitado desencarnado: desobsessão.

### 4. MÉDIUM

Dona Eugênia, de grande docilidade, que promete brilhante futuro na expansão do bem. Excelente órgão de transmissão, coopera com eficiência na ajuda aos desencarnados em desequilíbrio. Intuição clara, aliada à distinção moral, tem a vantagem de conservar-se consciente nos serviços de intercâmbio, beneficiando-nos a ação. (Descrição de Áulus)

### 5. ESPÍRITO INSTRUTOR

Áulus, sendo dirigente dos trabalhos o Espírito Clementino.

### 6. ESTADO DO ESPÍRITO NECESSITADO

Conduzido por três guardas espirituais, Libório foi trazido à sala de socorro do grupo. Era infortunado solteirão desencarnado, que não guardava consciência da própria situação. Incapaz de enxergar os vigilantes que o traziam, caminhava à maneira de um surdo-cego, impelido por forças que não conseguia identificar.

Informou Áulus: “Trata-se de um desventurado obsessor que acabaram de remover do ambiente a que, desde muito tempo, se ajustava. Desencarnou em plena vitalidade orgânica, depois de externar-se em festiva loucura.

Letal intoxicação cadaverizou-lhe o corpo, quando não possuía o menor sinal de habilitação para aconchegar-se às verdades do espírito. Reparem, é alguém a movimentar-se nas trevas de si mesmo, trazido ao recinto sem saber o rumo tomado pelos próprios pés, como qualquer doente mental em estado grave.”

## 7. TIPO DE LIGAÇÃO OBSESSIVA EXISTENTE

Desencarnado com o pensamento enovelado à paixão por irmã nossa, hoje torturada enferma que se sintonizou com ele, a ponto de retê-lo junto de si com aflições e lágrimas, passou a vampirizar-lhe o corpo. A perda de veículo físico, na deficiência em que se encontrava, deixou-o integralmente desarvorado, como náufrago dentro da noite. Entretanto, adaptando-se ao organismo da mulher amada que passou a obsediar, nela encontrou um novo instrumento de sensação, vendo por seus olhos, ouvindo por seus ouvidos, falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados. Nessa simbiose vivem ambos há quase cinco anos sucessivos; contudo, agora, a moça, subnutrida e perturbada, acusa desequilíbrio orgânico de vulto.

## 8. MOTIVO DO TRATAMENTO

Por haver a doente solicitado nosso concurso assistencial, somos constrangidos a duplo socorro. Para que se cure das fobias que presentemente a assaltam como reflexos da mente dele, que se vê apavorado diante das realidades do espírito, é necessário o afastamento dos fluidos que a envolvem, assim como a coluna abalada pelo abraço envolvente da herá, reclama limpeza em favor do reajuste.

## 9. INCORPORAÇÃO DE SOFREDOR – ligação médium-sofredor

Nesse íterim, escreve André Luiz, os espíritos condutores obedecendo às determinações de Clementino, localizaram o sofredor ao lado de Dona Eugênia. O mentor da casa aproximou-se dela e aplicou-lhe forças magnéticas sobre o córtex cerebral, depois de arrojarem vários feixes de raios luminosos sobre extensa região da glote. Notamos que Eugênia-alma afastou-se do corpo, mantendo-se junto dele, à distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, o visitante sentava-se rente, inclinando-se sobre o equipamento mediúnico ao qual se justapunha, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela. Observei que leves fios brilhantes ligavam a frente de Eugênia, desligada do veículo físico, ao cérebro da entidade comunicante.

## 10. ÁULUS EXPLICA O OBJETIVO DO “CONTROLE MEDIÚNICO”

Estamos diante do fenômeno da psicofonia consciente, ou trabalho dos médiuns falantes, afirma Áulus. Embora senhoreando as forças de Eugênia, o hóspede enfermo do nosso plano permanece controlado por ela, a quem se irmana pela corrente nervosa, através da qual estará nossa irmã informada de todas as palavras que ele mentalizar e pretender dizer.

Efetivamente apossa-se temporariamente do órgão vocal de nossa amiga, apropriando-se de seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar com algum equilíbrio por intermédio das energias dela, mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse

enfermeira, concordando com os caprichos de um doente no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado, a quem empresta o carro físico, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência. Pela corrente nervosa, conhecer-lhe-á as palavras na formação, apreciando-as previamente, de vez que os impulsos mentais dele lhe percutem sobre o pensamento como verdadeiras marteladas. Pode, assim, fiscalizar-lhe os propósitos e expressões, porque se trata de uma entidade que lhe é inferior, pela perturbação e pelo sofrimento em que se encontra, e a cujo nível não deve arremessar-se se quiser ser útil. O Espírito em turvação é um alienado mental, requisitando auxílio. Nas sessões de caridade, como a que presenciamos, o primeiro socorrista é o médium que o recebe, mas, se esse socorrista cai no padrão vibratório do necessitado que lhe roga serviço, há pouca esperança de amanhã eficiente. O médium, pois, quando integrado nas responsabilidades que esposa, tem o dever de colaborar na preservação da ordem e da respeitabilidade na obra de assistência aos desencarnados, permitindo-lhes a livre manifestação apenas até o ponto em que essa manifestação não colida com a harmonia necessária ao conjunto e com a dignidade imprescindível ao recinto.

## 11. O PROBLEMA DO MÉDIUM COM O SEU PRÓPRIO CORPO

Referindo-se ao problema da distância entre o Espírito do médium e o próprio corpo, esclareceu Áulus:

“– Sempre que o esforço se refira à entidade em reajuste, o medianeiro não deve ausentar-se desanimado... Com um demente em casa, o afastamento é perigoso, mas se nosso lar está custodiado por amigos cômicos de si, podemos excursionar até muito longe, porquanto o nosso domicílio demorar-se-á guardado com segurança. No concurso aos irmãos desequilibrados, nossa presença é imperativo dos mais lógicos.

## 12. INÍCIO DA COMUNICAÇÃO DO SOFREDOR

“– Vejo! Vejo! Mas por que encantamento me prendem aqui? Que algemas me afivelam a este móvel pesado? – qual o objetivo desta assembléia em silêncio funeral? Quem me trouxe?”

Explica Áulus: “– O sofredor, ao contato das forças nervosas da médium, revive os próprios sentidos e deslumbra-se. Queixa-se das cadeias que o prendem, cadeias essas que em cinquenta por cem decorrem da contenção cautelosa de Eugênia. Um Médium passivo, em tais circunstâncias, pode ser comparado à mesa do serviço cirúrgico. Se o móvel especializado não possui firmeza e humildade, qualquer intervenção seria de todo impossível.

À pergunta se a médium estava enxergando o Espírito sofredor que se lhe associava ao vaso carnal, responde o instrutor:

“– No caso de Eugênia, isso não acontece, porque o esforço dela na preservação das próprias energias e o interesse na prestação de auxílio com todo o coeficiente de suas possibilidades, não lhe permitem a necessária concentração mental para surpreender-lhe a forma exterior. Entretanto,

reproduzem-se nela as aflições e os achaques do socorrido. Sente-lhe a dor e a excitação, registrando-lhe o sofrimento e o mal-estar.

Hilário Silva pergunta: “a – Consciente a médium, qual se encontra e ouvindo as frases do comunicante, que lhe utiliza a boca assim vigiado por ela, é possível que dona Eugênia seja assaltada por grandes dúvidas. Não poderá ser induzida a admitir que as palavras proferidas pertencem a ela mesma? Não sofrerá vacilações?”

“– Isso é possível, concordou Áulus; no entanto nossa irmã está habilitada a perceber que as comoções e as palavras desta hora não lhe dizem respeito. Se a médium fosse, entretanto, invadida pela dúvida, emitiria da própria mente positiva recusa, expulsando o comunicante e anulando preciosa oportunidade de serviço.